ANPEGE

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia

REVISTA DA ANPEGE

ISSN 1679-768X

VOLUME 19

N. 40 (2023)

30 ANOS ANPEGE

DOI: 10.5418/RA2023.V19I40.17786

REVISTA DA ANPEGE | v. 19 nº. 40 (2023) | e-issn: 1679-768x

CAMINHOS POR UMA CULTURA COLONIZADA: ROTEIRO DA URBANIZAÇÃO EPISTÊMICA NO TURISMO DE MARICÁ-RJ

Ways for a colonized culture: itinerary of epistemic urbanization in tourism in Maricá-RJ

Caminos a través de una cultura colonizada: itinerario de urbanización epistémica en el turismo en Maricá-RJ

CAMILA REIS TOMAZ
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

KIM TIBA FERREIRA
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

DANIEL PIRES MENDES

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

NILTON ABRANCHES JUNIOR

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: O presente estudo relata reflexões iniciais de pesquisa de doutoramento em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A tese, alicerçada em perspectivas militantes por resgates epistêmicos, tem por autoria pesquisadora afro-indígena que observa o município rural de Maricá-RJ. Maricá, palavra de origem tupi-guarani, declarada em 2017 Cidade da Capoeira pela Prefeitura junto a um conjunto de ações em prol da cultura afro-brasileira, tem origem estrutural afro-indígena. Porém, segundo o portal oficial, sua História é essencialmente colonial. Este trabalho se debruça sobre roteiro turístico oficial da cidade e suas abordagens da cultura local. Observaram-se no roteiro os locais escolhidos como representativos e, por isso, listados para visitação no portal, assim como são identificados os marcadores histórico-culturais desses espaços quanto a sua origem e significados. A cidade, apesar de sua História pós-período colonial e dos esforços da Secretaria de Cultura em manter a relação entre habitantes e ambiente natural de forma harmônica a partir de uma cultura agroecológica, por exemplo, este ano realizou o primeiro Censo Cultural do município; contudo, não tem em seu roteiro oficial de Turismo qualquer menção a etnias indígenas, povos africanos e personalidades afro-brasileiras que aqui viveram e protagonizaram a construção de muitos dos espaços escolhidos como pontos turísticos e cujos valores pautam a manutenção dos espaços naturais e hábitos de plantio, colheita e alimentação da cidade. Considera-se imprescindível a articulação entre Secretarias de Cultura, Direitos Humanos e Turismo e, com esta, a reestruturação do texto que apresenta a cidade no portal oficial.

Palavras-chave: Maricá-RJ, Turismo Rural, Cultura Popular, Geopoéticas, Territorialidades.

Abstract: This study reports on the initial reflections of doctoral research in Geography at Rio de Janeiro State University. The thesis, based on militant perspectives for epistemic rescues, is authored by an Afro-indigenous researcher who observes the rural municipality of Maricá-RJ. Maricá, a word of Tupi-Guarani origin, declared in 2017 Cidade da Capoeira (City of Capoeira) by the City Council as part of a series of actions in favor of Afro-Brazilian culture, has Afro-Indian structural origins. However, according to the official website, its history is essentially colonial. This work focuses on the city's official tourist route and its approach to local culture. The route shows the places chosen as representative and therefore listed for visitation on the portal. It also identifies the historical and cultural markers of these spaces in terms of their origin and significance. The city, despite its post-colonial history and the efforts of the Department of Culture to maintain the relationship between inhabitants and the natural environment in harmony through an agro-ecological culture, for example, this year carried out the municipality's first Cultural Census. However, its official tourism itinerary makes no mention of the indigenous ethnic groups, African peoples and Afro-Brazilian personalities who lived here and played a leading role in the construction of many of the spaces chosen as tourist attractions and whose values are based on maintaining the city's natural spaces and planting, harvesting and eating habits. It is essential that the Secretariats of Culture, Human Rights and Tourism work together to restructure the text that presents the city on the official website.

Keywords: Maricá-RJ, Rural Tourism, Popular Culture, Geopoetics, Territorialities.

Resumen: El presente estudio reporta reflexiones iniciales sobre la investigación de doctorado en Geografía en la Universidad Estatal de Río de Janeiro. La tesis, basada en perspectivas militantes para el rescate epistémico, es escrita por un investigador afroindígena que observa el municipio rural de Maricá-RJ. Maricá, palabra de origen tupí-guaraní, declarada Ciudad de Capoeira por la Municipalidad en 2017 junto con un conjunto de acciones a favor de la cultura afrobrasileña, tiene un origen estructural afroindígena. Sin embargo, según el portal oficial, su historia es esencialmente colonial. Este trabajo se centra en el itinerario turístico oficial de la ciudad y sus aproximaciones a la cultura local. En el itinerario se observaron los lugares elegidos como representativos y, por tanto, enumerados para su visita en el portal, así como los hitos histórico-culturales de estos espacios en cuanto a su origen y significados. La ciudad, a pesar de su historia poscolonial y los esfuerzos de la Secretaría de Cultura por mantener la relación entre los habitantes y el entorno natural de manera armoniosa basada en una cultura agroecológica, por ejemplo, este año realizó el primer Censo Cultural del municipio; sin embargo, su itinerario oficial de Turismo no tiene mención alguna a las etnias indígenas, pueblos africanos y personalidades afrobrasileñas que aquí vivieron y participaron en la construcción de muchos de los espacios elegidos como atractivos turísticos y cuyos valores orientan el mantenimiento de los espacios naturales. espacios y hábitos de siembra, cosecha y alimentación de la ciudad. Se considera fundamental la coordinación entre las Secretarías de Cultura, Derechos Humanos y Turismo y, con ello, la reestructuración del texto que presenta la ciudad en el portal oficial.

Palabras clave: Maricá-RJ, Turismo Rural, Cultura Popular, Geopoética, Territorialidades.

INTRODUÇÃO

Esta publicização de reflexões iniciais se dá a partir de uma pesquisa militante dedicada a retomadas epistêmicas, em um roteiro turístico sugerido por portal oficial de município em área rural do Estado do Rio de Janeiro. As retomadas epistêmicas se dão no recontar de histórias que produzem e/ou coproduzem espaços e suas práticas em culturas colonizadas e, portanto, oprimidas por apagamentos coloniais. Tensionam-se narrativas em que se explicitam ausências originárias e afro-diaspóricas apresentando-se caminhos para reparação na construção de conhecimentos sobre as espacialidades em questão. O recorte, neste caso, se limita a Maricá-RJ e, mais especificamente, a seu roteiro turístico rural, cuja análise se faz a partir de uma universidade periférica e da soma de pensamentos anti, contra e decoloniais de autores desta. Acredita-se, portanto, que o encontro de tais fatores pode fazer operarem de maneira mais efetiva a insurgência e a subversão reflexiva. Justifica-se também a vinculação a uma Geografia militante, que desloca o centro do conhecimento, ao reconhecer a potência e a importância do saber popular, produzido pela ancestralidade, transmitido ao longo de gerações e produtor de espaços singulares e de relevante interesse turístico nos tempos atuais.

Maricá, cidade cujo nome se origina do tupi-guarani e segue parte rural, parte urbana, convida em seus portais oficiais visitantes e moradores a caminhadas turísticas por ambiente rural e natural de importância histórica para a região e para o país, por seu papel durante a colonização portuguesa. Logo, a relação entre visitantes e natureza no que tange à cultura produzida por aquelas e aqueles que se veem como parte desta Natureza e, por isso, mantiveram Maricá como ambiente rural até então não se encontra na aposta econômica do Turismo na região.

Rodeada por Niterói, Saquarema e Itaboraí, cidades de nomes cuja origem se dá nos idiomas Temiminó e Tupinambá, a história dessas origens ainda é lembrada de alguma forma em monumentos, nomes de ruas e outras formas de não apagamento da cultura afro-indígena dali. Maricá se destaca turisticamente no fazer do contrário – apesar da manutenção de um aspecto rural majoritário em seu território, diferentemente das cidades vizinhas. Isto é, ainda que em seus distritos os nomes de rua e os próprios nomes de dois dos quatro distritos, Itaipuaçu e Inoã, mantenham o idioma originário e abriguem uma aldeia Guarani (ONU Brasil, 2017), a cidade sugere um roteiro rural que evita menções a memórias não colonizadoras do território.

A descrição da História da cidade, em *hiperlink* no portal oficial, constante na página "Conheça Maricá"[1], descreve contraditoriamente uma Maricá que foi colônia influente no período colonial e em constante urbanização desde então, citando inclusive um aspecto cristão como destaque histórico: um milagre, padres, construções de igrejas. O texto da página traz ainda o início do povoamento desta pretensa colônia a partir do século XVI, por necessidade da coroa portuguesa em defender seu litoral de ataques franceses (!).

Como alternativa à destruição completa da Natureza, isto é, uma disfuncionalidade do Planeta à vida humana (Krenak, 2022), disciplinas ora desenvolvimentistas e mantenedoras de um *status quo* capitalista e educadores com origens e/ou vieses éticos de transformação social a partir de equidades e atentas às alteridades (Reis, 2021) voltam seus olhares para as Geopoéticas dos povos originários, comunidades tradicionais, povos de terreiro e demais expressões de subjetividades da natureza humana não deslocada de si enquanto, primeiramente, natureza. Por isso, neste trabalho analisaremos o Roteiro Turístico Cultural sugerido pela cidade de nome tupi, mas memória colonial para quem a visita.

Para análise, utilizamos materiais virtuais, disponíveis nos portais oficiais destinados à divulgação do turismo da/na cidade. Observamos as escolhas dos pontos constantes nos roteiros em concordância com a história colonial da cidade e apontamos contradições às narrativas que destoam da lógica única do colonizador, considerando enfim os riscos da manutenção de uma história única (Adichie, 2009) sobre territórios como Maricá.

1 ver mais em: https://www.conhecamarica.com.br/sobre. Acesso em: 25.nov.23;

METODOLOGIA

Inicialmente, tendo dois dos autores sido moradores da cidade até durante o início da escrita deste texto e um deles originário de suas fronteiras e habitante de seus territórios desde a infância, a investigação se funda em memórias. Muitos dos aprendizados destes dois autores dialogam com os dos demais, tanto da autoria camponesa quanto daquela criada no subúrbio do Rio de Janeiro, no que tange a perspectivas coletivas e comunitárias do uso dos espaços habitados. Deste encontro de memórias surge o incômodo com os roteiros turísticos e a apresentação da cidade que se propõe capital de uma das práticas coletivas, comunitárias e de resistência ao apagamento cultural afro-indígena mais antigo do território brasileiro, a Capoeira.

Visitamos, portanto, o portal oficial da Cidade de Maricá, seguindo seus direcionamentos até a Secretaria de Turismo, em página intitulada “Conheça Maricá”. Na seção destinada a sugestões de turismo autoguiado pela cidade foram encontrados seis roteiros oficiais: Roteiro “Rota de Aventura e Ecoturismo”, “Orlas de Maricá”, “Integrado de Turismo Rural”, “da Fé, Caminhos de Anchieta”, “Turístico Cultural” e “Caminhos de Darwin”. Dado o conjunto de elementos históricos destoantes da cultura pressuposta à cidade presentes na seção “Sobre a Cidade” e o fato de, dentre os autores, haver um originário da região e dois então residentes, examinou-se mais atentamente o Roteiro Turístico Cultural (https://contato.site/5d9bab8/marica-cvb3/roteiroturisticocultural).

No roteiro analisado, são propostas 11 visitas em uma caminhada de aproximadamente cinco horas pela cidade, no chamado “Corredor Cultural”, sendo este mais próximo à orla, que está calçada, e às ruas do entorno, pavimentadas, diferentemente da maior parte da cidade, que segue rural. Os locais foram visitados em suas páginas oficiais, quando disponíveis e observados quanto à sua descrição, apresentação e outros elementos que apontassem oficialmente a relevância cultural a quem visita o local. A análise se deu a partir da busca, no roteiro, pelo que se propunha: aspectos espaciais e discursivos que apresentassem as ruralidades locais, almejando identificar como a cultura de Maricá estava sendo apresentada aos turistas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A relação da humanidade com os espaços naturais e suas múltiplas leituras criou ampla diversidade cultural, cosmogônica e, consequentemente, na forma de habitá-los e/ou coproduzi-los, epistêmica e ontológica (não cabendo aqui a crítica à hierarquia conferida comumente a estes conceitos e, por isso, os dispomos em ordem alfabética). Kenneth White (1979-2023), um escritor e poeta europeu, deu o nome de Geopoética (Antunes; & Poulet, 2023) à teoria que observa, descreve e analisa essas relações a partir de um suposto consenso em que o Planeta Terra seria lido enquanto natureza única, insubstituível, conhecimento este já amplamente divulgado, defendido, aprofundado e denunciado por culturas pretas e originárias, e, em âmbitos semelhantes aos do poeta, pelo indígena Aílton Krenak (2019; 2022), recentemente feito relevante por traduções

de acadêmicos diversos, atualmente preocupados com a destruição da Terra, o então suposto Plano A. Para algumas das geopoéticas desenvolvidas a partir do Brasil, ou Pindorama, o consenso é tardio e, por vezes, outro (Kozel, 2012; Reis, 2021). As autoras consideram os entendimentos de si, do espaço e da coprodução retroalimentada e, assim como seus resultados, de forma mais vinculada a questões do inventário psicocultural de sujeitos observados.

Sociedades brancas cis-heteronormativas cristãs se expandiram, colonizaram, construíram o que hoje se chama de mundo globalizado, em que as periferias são necessárias para a centralidade se manter hegemonicamente reproduzindo conhecimento que será considerado único e/ou mais aceito que seu originário (Bartholl, 2015; Krenak, 2019; Casimiro, 2021; Cruz, 2021; Reis, 2021). As Zonas de Sacrifício, territórios destinados à exploração extrema e/ou ao recebimento de rejeitos químicos, reverberam nos territórios do saber, onde alguns poucos dizem o que é e o que não pode sequer almejar a ser, renomeando (Reis, 2021) e sacrificando Saberes, para que surjam onde esses poucos escolherem o que virão a ser Conhecimentos. Assim, desmatamentos, desumanização de povos não urbanos, assassinato de rios e mares vistos enquanto recursos foram desencantando um mundo também habitado por aqueles que os veem como primos, irmãos, casa, útero, entre outras muitas formas de se entrelaçar aos espaços (Krenak, 2019; Scarano, 2019; Cruz, 2021; Reis, 2021). O mesmo planeta habitado por estes e aqueles, ao ser transformado e brutalizado por corpos-territórios (Mondardo, 2009, Haesbaert, 2020; Chaves, 2021), deslocados de si enquanto natureza, se tornou objeto, inanimado, de extração, uniformização e monoprodução de tudo, inclusive de uma educação exclusiva, mantenedora da economia de desigualdades e outros “des” mencionados anteriormente (Acosta, 2016; Rufino, 2019; Simas, 2020; Cruz, 2021; Reis, 2021).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro dos onze pontos do roteiro sugerido é um vagão de trem, onde acontecem exposições e a feira de turismo e artes, também de Maricá. Atualmente, o endereço eletrônico[2] da feira em vigência leva à Feirinha de Teresópolis, tradicional da região serrana do Rio de Janeiro, não apresentando qualquer ligação com o ponto turístico indicado no roteiro. Em sua descrição, se faz alusão às datas da expansão ferroviária que ocorreu no interior do território fluminense, incluindo Maricá na empreitada “civilizatória” e modernizante. Esse pensamento embranquecedor do forjamento de uma identidade civilizada promove o apagamento e o silenciamento das camadas sucessivas e superpostas da cultura que nesse território já se encontrava. Chama-se a atenção para a artificialidade da construção deste primeiro ponto do roteiro, como pode ser visto na Foto 1. A réplica do vagão é assentada sobre uma base de concreto pintada de azul. O que mais chama a atenção é uma grande placa pintada em cor que se destaca da pintura em marrom, que cobre todo o vagão, onde se lê MARICÁ TURISMO. Neste processo

2 Ver mais em: www.feirarte.com.br. Acesso em: 25 nov. 2023.

de forjamento de uma identidade maricaense calcada em símbolos trazidos pelo colonizador, que visa transformar Maricá em um produto turístico, a propaganda exposta pela secretaria de turismo ganha mais significado do que o se quer promover.

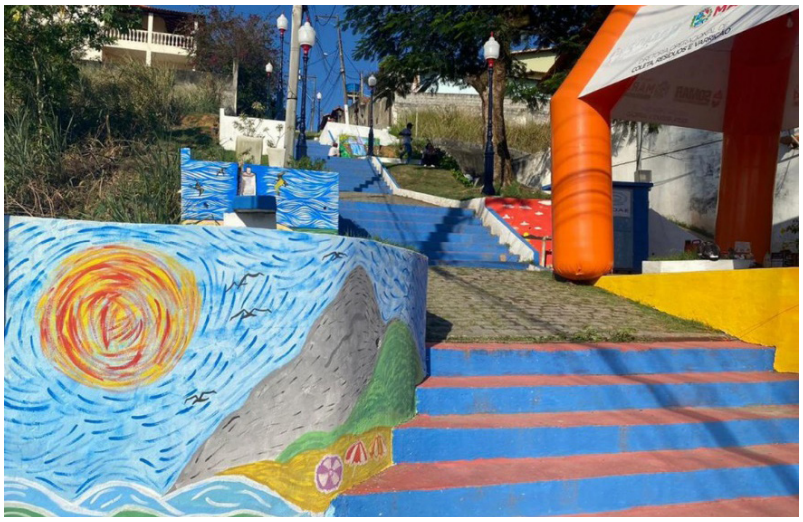
Foto 1 – Vagão da Estação de Trem/Secretaria de Turismo/FEIRARTE



Fonte: Maricá Turismo (2023).

O ponto seguinte é a Escadaria da Boa Vista (Foto 2), uma grande escada colorida; em sua descrição há a menção de que a escada é cercada por murais de artistas da cidade com a história local. No alto da escadaria há uma vista panorâmica do centro da cidade. Os degraus da escada são das cores azul e vermelho, cores representativas dos espaços públicos. Em volta da escada estão o verde de terrenos ainda não ocupados, cores claras de casas que acompanham o subir da rua e murais que retratam o mar, montanhas e areia com brinquedos e barracas de praia. Os murais foram pintados pelo artista plástico conhecido, não à toa, como “Selarón de Maricá”, William Barreto, e retratam histórias cedidas por moradores e perspectivas sobre a colonização e a urbanização de Maricá. A iniciativa de pintura e contação da história da cidade parte do artista plástico e é apoiada por seus vizinhos, tendo posterior participação da prefeitura na construção de canteiros e manutenção dos degraus. Apesar de haver ao menos dois murais representativos dos povos originários e do povo preto, estes não estão retratados na imagem ou mencionados no texto que convida a visita à escadaria (Mendes, 2017).

Foto 2 – Escadaria da Boa Vista



Fonte: Maricá Turismo (2023).

O terceiro ponto é um cinema público (Foto 3), que homenageia o cartunista mineiro exilado durante a ditadura, Henfil. O cinema atende à comunidade escolar da cidade durante a semana e tem sessões abertas ao público geral nos demais dias e horários. Os três pontos estão localizados no centro da cidade.

Foto 3 – Cine Teatro Henfil



Fonte: Maricá Turismo (2023).

O quarto ponto, localizado próximo à principal praça pública da cidade, segundo o portal, é uma igreja católica (Foto 4). Em sua descrição, dados sobre a construção e a inauguração, destaques sobre a arquitetura.

Foto 4 – Igreja Nossa Senhora do Amparo



Fonte: Maricá Turismo (2023).

O quinto ponto é a Casa de Cultura da cidade (Foto 5) e em sua descrição há os elementos constituintes do edifício. Nele, destacam-se o óleo de baleia e materiais rústicos. Apesar de não haver menção a isso, vale ressaltar que, hoje em dia, ainda há a passagem de baleias pela orla durante as águas geladas do meio do verão. O prédio abriga o Museu Histórico da cidade e foi tombado como Patrimônio Cultural.

Foto 5 – Casa de Cultura



Fonte: Maricá Turismo (2023).

O sexto ponto é o Mercado das Artes (Foto 6), construção que, segundo sua descrição, se inspira em arquiteturas coloniais e disponibiliza *boxes* para venda de artes e gastronomia. A construção, em tons mais claros, reproduz o vermelho, azul e branco dos espaços públicos da cidade, com janelas e porta arredondadas e vidradas em estilo colonial. Entreaberta, a porta deixa ver parte dos boxes, alinhados sobre uma continuação do piso cinza. A entrada é acessível, com rampa e espaço amplo, e o espaço interno

disponibiliza 23 possibilidades de compras de artes religiosas, roupas, entre outros. O Mercado, segundo o portal, foi construído para valorizar artes e culinária locais, o que nos levou a questionar sobre o porquê da arquitetura colonial.

Foto 6 – Mercado das Artes



Fonte: Maricá Turismo (2023).

Já o sétimo ponto, a Mesa dos Imortais (Foto 7), é dedicado aos jornalistas João Saldanha, ao escritor Antonio Callado, ao antropólogo Darcy Ribeiro e à cantora Maysa (Matarazzo). Personagens relevantes na história da resistência à ditadura brasileira, os homenageados são pessoas brancas que tiveram casas e/ou viveram em algum momento na cidade, segundo o portal.

Foto 7 – Mesa dos Imortais



Fonte: Maricá Turismo (2023).

O oitavo ponto é um convite à paisagem que compõe toda a extensão da cidade e principal atrativo da maioria dos demais roteiros sugeridos no portal: a orla! Este ponto é um convite a um passeio pela Orla de Araçatiba (Foto 8), com informação sugestiva para apreciação ao Pôr-do-Sol na descrição.

Foto 8 – Orla de Araçatiba



Fonte: Maricá Turismo (2023).

O nono e o décimo pontos são destinados ao conhecimento de artistas que dialogam com a história da cidade de alguma forma, sendo o nono ponto o Grupo de Artistas de Maricá (GAM, Foto 9) e o décimo, um castelo (Foto 10). No nono ponto, artistas locais podem expor e vender suas obras. No décimo, uma construção em estilo medieval em meio à mata no bairro Bambuí, onde um casal de artistas plásticos reside, tem seu ateliê e mantém o espaço aberto à visitação, além de alugar os salões para casamentos[3]

Foto 9 – GAM – Grupo de Artistas de Maricá



Fonte: Maricá Turismo (2023).

3 ver mais em: https://www.instagram.com/shiachticascastelo/. Acesso em 26.nov.2023.

Foto 10 – Castelo Shiachticas



Fonte: Maricá Turismo (2023).

O último ponto é um busto, uma homenagem a um cidadão maricaense morto na Segunda Guerra Mundial. Na descrição, destacam-se o falecimento como heroico e o fato de ser o único maricaense morto como herói na Guerra, sendo este o único ponto sem imagem disponível no portal.

O roteiro de Turismo Cultural sugerido passa por pontos que revelam o reconhecimento da importância da resistência artística ao período militar vivido no país. A construção identitária a partir de uma memória coletiva maricaense, desafio que Da Silva (2000) aponta como comum em definições de roteiro, parece ser superada por uma identidade de certa forma progressista. Entretanto, às identidades originárias, afro-diaspóricas e demais culturas presentes na Cidade, ficam a gastronomia, as artes e artesanatos nos espaços coletivos, à margem dos pontos sugeridos no roteiro de Turismo Cultural.

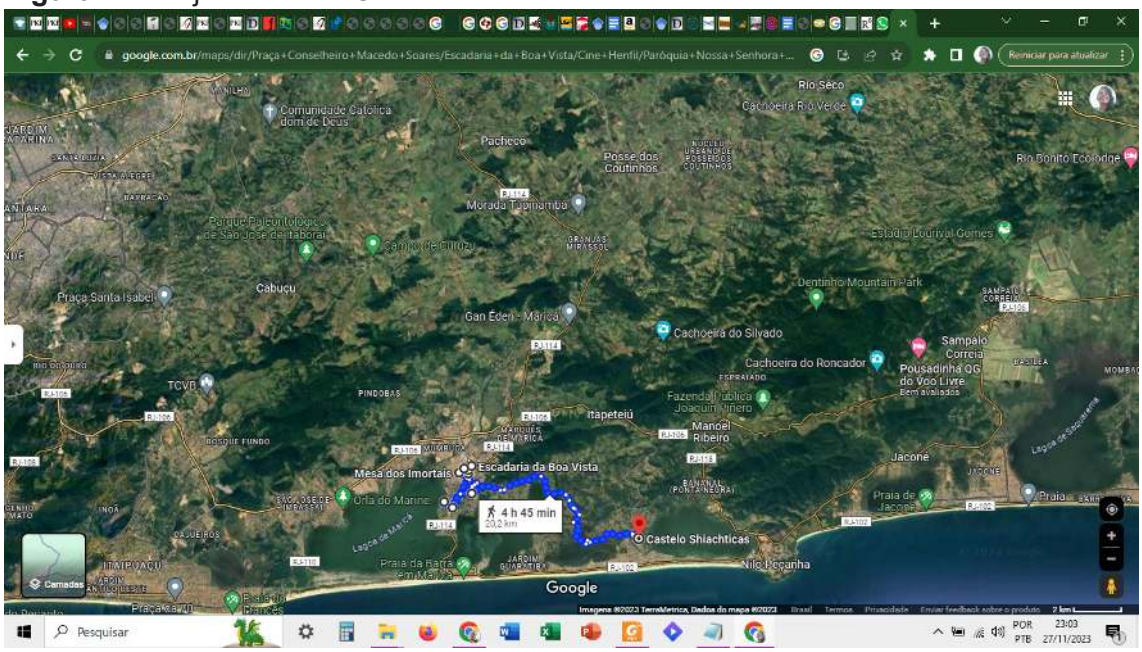
Figura 1 – Roteiro sugerido



Fonte: Maricá Turismo (2023).

Apesar da extensão territorial de Maricá e da gratuidade e acessibilidade dos ônibus que circulam pela cidade, o roteiro se detém a pontos mais centrais, com uma única parada mais distante, sendo a do Castelo. A justificativa possivelmente se dá no convite ser à uma Caminhada, talvez tornando o roteiro mais acessível devido a um menor desgaste que seria necessário caso escolhessem locais mais distantes.

Figura 2 – Trajeto Roteiro Cultural "Visite Maricá"



Fonte: Google Maps. Elaboração dos autores (2023).

Dentro dos roteiros disponíveis, em destaque o descrito neste trabalho, observa-se uma subvalorização das ruralidades que são latentes em grande parte do território de Maricá. O circuito rural propriamente dito é explorado de maneira superficial, tratado como algo de grande potencial para a prática do turismo rural, mas sendo de acordo com o Plano Municipal de Desenvolvimento Turístico Sustentável, algo ainda pouco aprofundado. Tendo inclusive o aspecto cultural sendo posto como um elemento a ainda ser explorado para fins turísticos.

Em uma perspectiva cultural, o que mais se valoriza nesses roteiros claramente é o dito "turismo religioso", sendo que a religião no presente caso se limita ao catolicismo e aos seus símbolos, principalmente as pequenas igrejas dentro do circuito, que inclusive também são colocadas com certo grau de destaque como pontos turísticos a serem visitados na página "Visite Maricá".

Outro ponto a atentar quanto à exploração do ponto de vista turístico das rotas é o uso constante do aspecto ecológico no tipo de turismo que se sugere nos locais dos roteiros aqui analisados. A maior presença da "natureza" é algo inerente nos ambientes rurais, visto por uma perspectiva urbana, algo muito usual inclusive levando-se em conta a assimetria de poder diante dos estudos feitos sobre as interfaces rural-urbano. Contudo, pode-se crer que a motivação da secretaria de turismo no presente caso seja outra.

De acordo com Rua (2006), tem-se percebido um movimento de ressignificação do espaço rural, onde o campo passa a ter outras “atratividades”, que são vistas agora como mercadorias valiosas, especialmente dos seus valores ligados à natureza e sua paisagem. No presente caso, se enaltece a natureza e uma suposta vocação para o ecoturismo, mas minimizando-se de certa maneira as ruralidades dessas áreas, inclusive cristalizadas pelas atividades dos grupos locais que a habitam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O roteiro sugerido parece operar como um imaginário cultural construído, deslegitimando o conhecimento civilizatório que já havia antes. Apesar das menções a resistências a certas hegemonias, o roteiro sugerido em si incorre na manutenção colonial do silenciamento de povos indígenas que já se encontravam no território. Isto se dá ao apagar a espacialidade desses corpos já no texto e na imagem das sugestões, além da escolha de pontos e destaque a seus aspectos ligados ao violento processo de colonização sem menções a esta realidade, a da violência. Constante nos Pontos Turísticos, no portal oficial da cidade, a *Pevaé Porã Tekoa Ará Hovy Py* (Aldeia Céu Azul) e a Comunidade Pesqueira Zacarias não são mencionadas como pontos de cultura da cidade. Já à *Tekoa Ka’Aguy Ovy Porã* (Mata Verde Bonita) não há menção. Assim como ainda não há a presença da Capoeira em qualquer um de seus amplos aspectos possíveis no roteiro, apesar do título de Cidade da Capoeira e de já haver datas e ações públicas constantes no calendário de atividades culturais da cidade desde sua autointitulação em 2012. Justifica-se ainda a patromonialização mundial da Roda de Capoeira enquanto inestimável elemento cultural da humanidade como motivação da inquietação provocada por sua ausência no roteiro cultural da cidade que investe no reconhecimento de seus valores e fortalecedora de suas contribuições para identidades afro-brasileiras.

A continuidade dessa análise se dará a partir de uma encruzilhada epistemológica, proposta por Reis (2021), que se dará entre visitas aos demais roteiros encontrados no portal e os conhecimentos e vivências prévias e indissociáveis à identidade de quem protagoniza a pesquisa, produzindo assim referencial de uma Geopoética situada e com olhar de fronteira entre academia e subjetividades coletivas de terreiros. Espera-se ainda coproduzir caminhos subversivos à lógica dominante que possam compor e fortalecer Geografias de resistência para as ruralidades ambientalmente integradas em e de Maricá.

Por fim, considera-se urgente uma revisão nos roteiros sugeridos na página oficial da cidade e, a fim de contribuir com sua construção, uma continuidade prática deste trabalho se dará na elaboração de roteiros que acionem o transporte público e abranjam outras localidades e distritos. Com isto, propõem-se à Prefeitura de Maricá novos caminhos para o Turismo Cultural, mais plurais e representativos à identidade turística de um espaço assim constituído.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, pela viabilização da pesquisa, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) por suas contribuições metodológicas aos estudos do GeoCorpo (UERJ) e do Grupo de Trabalho Pesquisa e(m) Ação do Núcleo de Estudos Território e Resistência na Globalização (Nureg/UFF).

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. *O bem viver:* uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Editora Elefante, 2016. 268 p.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *The danger of a single story.* TED: ideas worths spreading. 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story. Acesso em: 23 nov. 23.

ANTUNES, S. L. M., POULET, R. . (2023). ENTREVISTA com Kenneth White: Nomadismo intelectual e geopoética.. *Gragoatá*, 28 (61), 2023.

BARTHOLL, Timo. *Territórios de resistência e movimentos sociais de base:* uma

investigação militante em favelas cariocas/Timo Bartholl. Niterói: [s.n.], 2015. 433 f.

CASIMIRO, Pammella. *Escre(vi)vendo a Baixada:* (des)estruturação do Racismo Ambiental no bairro de Campos Elíseos. Monografia (Graduação em Ciências Ambientais) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

CHAVES, Kena Azevedo. Corpo-território, reprodução social e cosmopolítica: reflexões a partir das lutas das mulheres indígenas no Brasil. Scripta Nova. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, v. 25, nº 4, 2021.

CRUZ, Leonardo Ramos. *As montanhas falaram alto, eu, da escola, respondi:* uma escrevivência geopoética para a conservação da natureza. 2021. 172 f. Dissertação (Mestrado em Ecoturismo e Conservação) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

DA SILVA, Elsa Peralta. Património e identidade: os desafios do turismo cultural. **Antropológicas**, nº 4, p. 217-224, 2000.

HAESBAERT (a), Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. *GEOgraphia*, v. 22, nº 48, p. 70-95, 2020.

KOZEL, Salete. Geopoética das paisagens: olhar, sentir e ouvir a "natureza". *Caderno de Geografia*, v. 22, n. 37, p. 65-78, 2012.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MARICÁ TURISMO. Roteiro Turístico Cultural. Conheça Maricá. Disponível em: https://contato.site/5d9bab8/marica-cvb3/roteiroturisticocultural. Acesso em: 25 nov. 23.

MENDES, Wilson. Artista transforma escadaria em ponto turístico pintando nela a história de Maricá. *Extra*, 2017. Disponível em: https://extra.globo.com/noticias/rio/artista-transforma-escadaria-em-ponto-turistico-pintando-nela-historia-de-marica-20801075.html. Acesso em: 25 nov. 23.

MONDARDO, Marcos Leandro. *O corpo enquanto "primeiro" território de dominação:* o biopoder e a sociedade de controle. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2009.

ONU BRASIL. *Aldeia indígena em Maricá preserva o idioma guarani.* ONU BRASIL. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rmi-2cDe9MM&ab_channel=ONUBrasil. Acesso em: 26 nov. 23.

PREFEITURA DE MARICÁ. *Plano Municipal de Desenvolvimento Turístico Sustentável – Maricá 2030*. Maricá: Relatório elaborado pela Secretaria de Turismo de Maricá com apoio da Federação de Convention & Visitors Bureaux do Estado do Rio de Janeiro, 2018. 136 p.

REIS, Camila Tomaz. *Encruzilhadas geopoéticas na conservação da natureza:* territorialidades e guardas-parques em território cunhambebe. 2021. 399 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ecoturismo e Conservação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2021.

RICHARDS, G. Turismo cultural: padrões e implicações. *In*: DE CAMARGO, P.; DA CRUZ, G. (ed.). *Turismo cultural:* estratégias, sustentabilidade e tendências. Bahia: Uesc, 2009. p. 25-48.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SCARANO, F. R. *Regenerantes de Gaia*. Rio de Janeiro: Dantes, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

RUA, João. Urbanidades no Rural: o devir de novas territorialidades. *Revista Campo-Território*, Uberlândia, v. 1, nº 1, p. 82-106, 2006.

SOBRE OS AUTORES

CAMILA REIS TOMAZ – Doutoranda do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

E-mail: corporalidadeafroindigena@gmail.com

KIM TIBA FERREIRA – Mestrando pelo Curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

E-mail: kimtiba14@gmail.com

DANIEL PIRES MENDES – Graduado do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

E-mail: daniel_mnds34@hotmail.com

NILTON ABRANCHES JUNIOR – Docente na Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

E-mail: niltonabranches07@yahoo.com.br